

## **Estudos da Língua(gem)**

**Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa**

### **Pistas para três gramáticas na diacronia do português**

**Clues to three grammars in portuguese's diachrony**

**Cristiane NAMIUTI\***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

#### **RESUMO**

O presente artigo destina-se a apresentar alguns dos resultados da pesquisa sobre a sintaxe dos clíticos na história do português<sup>1</sup>, que corroboram a hipótese delineada por Galves (1996) de ter havido dois períodos de mudança e três estágios gramaticais na história do português europeu. Focalizaremos aqui o fenômeno da interpolação de constituintes entre o pronome clítico e o verbo, com base em textos de autores portugueses nascidos entre o século XV e XIX, e em trabalhos, como os de Martins (1994), Ribeiro (1995) e Fiéis (2001) que investigaram o mesmo fenômeno em textos mais antigos.

---

<sup>1</sup>Agradecemos à FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa que resultou na tese de doutoramento, defendida na UNICAMP em 2008, e em vários artigos, como este, que divulga parcialmente os resultados daquele trabalho e nos inspira a outras investigações.

\*Sobre a autora ver página 53.

## PALAVRAS-CHAVE

Clíticos. Interpolação. Mudança Sintática. Periodização. Gramáticas do Português.

## ABSTRACT

*This paper presents some empirical results about the history of the syntax of Portuguese clitics that corroborate the hypothesis that there were three grammatical stages in the history of european portuguese, as proposed by Galves (1996). We will focus on the phenomenon of interpolation of phrasal constituents between the clitic and the verb in texts written by Portuguese authors born between the fifteenth and the nineteenth century, discussing previous works such as Martins (1994), Ribeiro (1995 ) and Fiéis (2001), that investigated the same phenomenon in older texts.*

## KEYWORDS

*Clitics. Interpolation. Syntactic change. Periodization. Portuguese grammars.*

## 1 Introdução

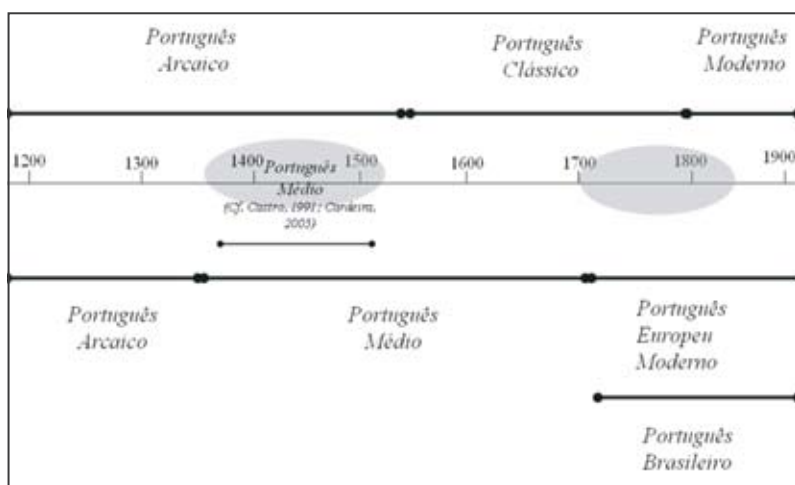
Galves (1996) argumenta que a gramática (no sentido gerativista do termo) do português europeu moderno (doravante PE) não nasceu entre os séculos XVI e XVII, diretamente do português antigo (doravante PA), como propõe Martins (1994), mas que o período denominado *clássico* pela tradição teria uma gramática diferente do PA, porém, também distante do PE. O PE teria origem nesta *gramática intermediária* PA-PE que subjaz aos textos do português clássico.

Para defender tal proposta e compreender essa gramática clássica foram desenvolvidos diversos trabalhos que contemplaram uma aliança entre *abordagem quantitativa* e *teoria formal* para o estudo das *mudanças sintáticas* que ocorreram na diacronia do português. O resultado desta combinação é a proposta de periodização da língua sumarizada em Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), que remete à existência de um período intermediário entre o PA (séculos XIII e XIV) e o PE

(século XVIII em diante), a que chamaram *Português Médio*, com base em Galves (2004), e que compreende a língua falada nos séculos XV, XVI e XVII.

O *Português Médio* representaria, portanto, o estágio diacrônico que antecede e dá origem a duas variantes do português na modernidade, o *Português Europeu* e o *Português Brasileiro*.

O esquema abaixo retrata a periodização revisitada por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), doravante GNPS. O quadro ilustra a intersecção entre as gramáticas no início e final de cada período.



**Quadro 1:** A periodização revisitada

Os textos representativos dos anos de 1400 e de 1700 apresentam variações interpretadas por GNPS como o efeito de competição de gramáticas, no sentido de KROCH (1989; 1994; 2001).

## 2 A periodização segundo a tradição filológica vs a periodização revisitada

Embora as periodizações sugeridas pela tradição dos estudos históricos se apresentem variadas a depender dos autores, é possível reconhecer algumas delimitações amplas.

O primeiro período histórico que se costuma reconhecer é o *português arcaico*, a língua que se registra desde os primeiros documentos até fins da Idade Média. Seria, portanto, a língua representada nos manuscritos medievais de todo gênero (poéticos, notariais, históricos). Será no século XVI que a tradição historiográfica do português localizará o divisor de águas principal na história da língua, separando a língua antiga da moderna. Grande parte da tradição reconhecerá, entretanto, que a língua representada nos textos clássicos portugueses não é ainda a língua portuguesa contemporânea. Este período intermediário entre o medieval e o contemporâneo foi denominado de *português clássico*, e incluiria textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e textos setecentistas.

Já na segunda metade do século XIV e no século XV, todavia, revelavam-se as formas do PC coexistindo com as formas do período arcaico. Fato que levou alguns estudiosos a designar este período de transição da língua medieval para a clássica de *português médio* (cf. CARDEIRA, 2005, entre outros). Portanto, tomando como alicerce de nossa reflexão a concepção de mudança gramatical delineada por Kroch (1989), é possível considerar que a *fase gramatical* intermediária entre o PA e o PE compreende um período maior que o *clássico*. Galves (2004) chamou de *português médio* (doravante PM) este período gramatical que abarca a fase denominada de *português médio* por Cardeira (2005) e Castro (2006) e a fase denominada de *português clássico* pela tradição.

Depois desta fase intermediária, costuma-se identificar no século XIX o momento em que a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos: a escrita oitocentista já não registra os padrões característicos da fase clássica, e é próxima do português da Europa hoje.

No entanto, é no século XVIII que Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) identificam a emergência da gramática do Português Europeu Moderno.

### **3 O fenômeno da interpolação e as pistas para três gramáticas na diacronia do português**

A interpolação dos constituintes do VP, bastante produtiva nas orações dependentes do PA, desaparece da produção literária no século

XVI, e a não adjacência entre o complementador e o clítico se torna mais comum: a ordem ‘C-cl-X-(neg)V’ (exemplo 1) abre espaço para a ordem ‘C-X-cl-(neg)V’ (exemplo 2).

(1) “e certo que se lhe *ElRei não mandára* sucessor”<sup>2</sup> (CTB: Couto-1548)<sup>3</sup>

(2) “que até o Prior dos Agostinhos, seu Confessor, o não pôde sofrer” (CTB: Couto-1548)

Verificamos, com base no *Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe*<sup>4</sup> (doravante CTB) – nos textos de autores nascidos entre 1435 e 1836, que o advérbio de negação “*não*” é frequentemente interpolado, porém, a interpolação de outros constituintes muito raramente se atesta, e limita-se aos autores nascidos até o início do século XVII. (cf. NAMIUTI, 2008)

Os constituintes diferentes da negação interpolados no CTB são: sujeitos principalmente pronominais, QPs (sigla do inglês para Sintagmas Quantificados), PPs (sigla do inglês para Sintagmas Preposicionais) e alguns advérbios.

(3) Porque não ponha aqui os nomes de tantas pessoas, **lhe** digo que de minha parte dê encomendas a todas as que **lhe** parecer que é rezão que **as eu mande**. (CTB: SOUSA, 1556)

(4) Entre os pobres, sobre todos, tenha cuidado dos doentes, que não podem andar pedindo, como **lhe muitas vezes disse**. (CTB: SOUSA, 1556)

(5) ¿ Que mais estranho que o de Temístocles Ateniense, famoso capitão da Grécia, que, namorado de uma dama que cativou na guerra de Épiro, usava em uma doença, que sua amada teve, dos mesmos remédios que **lhe a ela faziam**, tomando as purgas e sangrias com

<sup>2</sup> Os exemplos terão destaques em **negrito** (para os clíticos e os verbos) e *italico* e/ou **sublinhado** (para outro constituinte que quisermos destacar na oração). Entre parênteses, logo após o exemplo, estão informações sobre o *corpus*, o autor e sua data de nascimento.

<sup>3</sup> Apesar de Diogo do Couto ter nascido em 1548 atestamos algumas interpolações do tipo Arcaico (C-cl-X-negV) no seu texto, porém são marginais em relação à estrutura sem a interpolação de elementos diferentes de ‘*não*’ (C-X-cl-negV).

<sup>4</sup> <http://www.tycho.iel.unicamp.br>

a mesma dama, e lavando o rosto por regalo e gentileza com o seu sangue dela? (CTB: LOBO, 1574)

(6) Não é menos o que **me lá anda** neste infelíssimo jôgo. (CTB: MELO, 1608)

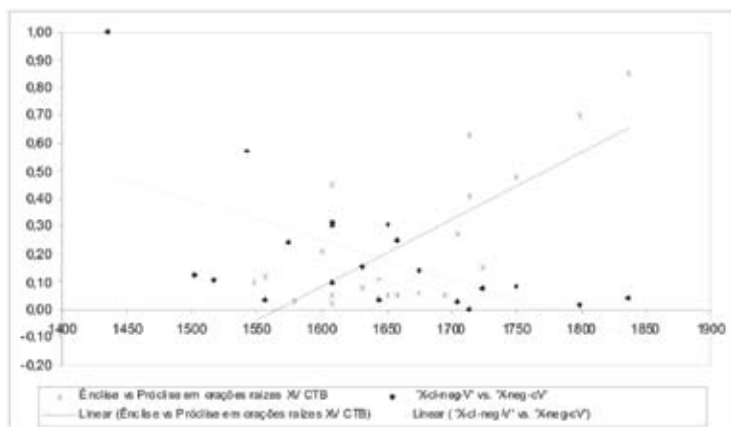
Denominamos a interpolação destes elementos, frequente no PA (cf. MARTINS, 1994), mas já obsoleta nos textos dos autores nascidos no século XVI, de *interpolação generalizada*, para diferenciá-la da *interpolação da negação* que se mostrou especial.

A abrangente interpolação da negação encontrada no CTB nos levou a observar atenciosamente as sentenças negativas nos textos. Nesta empreita algumas pistas sobre a história gramatical da língua foram notadas.

De acordo com Martins (1994), o fenômeno da interpolação entre o clítico e o verbo, comum no PA, só ocorre nos domínios de próclise categórica. Porém, o marcador de negação sentencial ‘*não*’, apesar de condicionar invariavelmente a próclise verbal obrigatória nos domínios finitos, exibe um comportamento bastante diferente dos demais advérbios que desencadeiam a próclise obrigatória (ex: já, também, ainda, nunca) no sentido de sempre ter estado contíguo ao verbo. Ou seja, ‘*não*’, apesar de sempre ter sido um elemento proclisador, jamais foi capaz de desencadear a interpolação de um constituinte entre o clítico e o verbo como os demais advérbios proclisadores (a ordem ‘neg-cl-X-V’ nunca ocorre). E ainda, a interpolação da negação entre o clítico e o verbo (‘cl-neg-V’) no PA era preferida à ordem da próclise na qual o clítico está linearmente adjacente ao verbo (‘neg-clV’) em todos os ambientes de próclise categórica. No português médio, diferentemente do PA, e diferentemente da interpolação de outros constituintes, a interpolação do ‘*não*’ entre o clítico e o verbo pode ocorrer em contextos não-categóricos da próclise, em orações raízes finitas introduzidas por *sujeito*, *sintagmas preposicionais*, *oração anteposta* e *conjunção coordenativa*.

(23)“E, pelo ElRei Dom João o III querer casar, e êle não querer, **lhe não deram** satisfação de seus serviços ...” (CTB: COUTO, 1548)

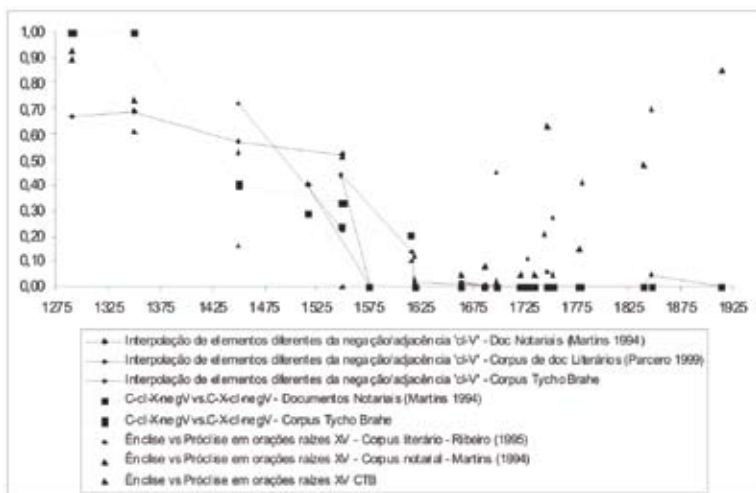
É preciso notar contudo que a interpolação nestes ambientes em que ocorre variação entre ênclise e próclise ocorre exatamente no mesmo período em que a próclise é dominante (segunda metade do século XV, séculos XVI e XVII), conforme podemos notar no gráfico 1 abaixo.



(contextos de variação clV/Vcl) e a ênclise – **XclnegV/XnegclV** vs **XclV/XVcl**

A associação do gráfico 1 ao que se conhece sobre a colocação de clíticos em fase anterior ao século XVI e posterior ao XVIII sugere ter havido um estado gramatical diferente do PA e do PE e que permitia o uso frequente da próclise em orações raízes e da interpolação da negação nesse mesmo ambiente sintático.

Os dados relativos a frequência do fenômeno da interpolação e da ênclise em corpora diacrônicos do português também corroboram esta hipótese (remeto ao gráfico 2 abaixo).



**Gráfico 2:** O fenômeno da interpolação generalizada e a posição relativa 'CIV'/'VCL'

O gráfico 2 apresenta as frequências dos fenômenos da ênclise e da interpolação em três corpora, considerando as datas de produção dos textos. O resultado mostra-se relevante para entendermos e localizarmos as gramáticas e sua evolução no tempo: 1) da interpolação generalizada; 2) da adjacência entre o 'Complementizador' e o 'clítico' nas sentenças com interpolação da negação (C-cl-X-negV vs. C-X-cl-negV); e ainda, 3) da frequência de ênclise sobre próclise nas orações matrizes. Os dados sugerem que a ênclise dá lugar à próclise nas orações raízes e a sequência 'C-cl-X-negV' dá lugar a 'C-X-cl-negV' nas orações encaixadas exatamente na mesma época (queda da ênclise e de 'C-cl-X-neg-V' nos textos produzidos no século XVI). Atesta-se ainda a emergência de um novo padrão enclítico nos textos produzidos no final do século XVIII, porém sem correlação com o fenômeno da interpolação de elementos diferentes da negação, pois este desaparece por completo muito antes.



#### 4 A colocação dos clíticos e a estrutura da sentença na diacronia do português

Assumimos, seguindo Martins (1994), que a estrutura que melhor dá conta dos fenômenos relacionados à colocação de clíticos nas línguas (e também à posição do verbo e aos padrões de respostas mínimas à interrogativas totais) é a que prevê um núcleo funcional entre CP e IP, com traços verbais e valores polares. Martins, basendo-se em Laka (1990), denominou tal núcleo funcional de  $\Sigma^\circ$ .

E, para capturar o paralelismo supostamente existente entre as operações de afirmação e negação<sup>5</sup>, defendemos que ‘**não**’ é a realização dos traços do núcleo funcional de polaridade  $\Sigma\text{Neg}^\circ$ , e propomos uma alternativa no quadro *minimalista* da *morfologia distribuída* assumindo as reflexões de Martins (a partir de 1994) sobre a natureza e força dos traços de  $\Sigma\text{P}$ . Dado que núcleos funcionais fortes precisam ser visíveis em PF segundo a teoria dos traços (CHOMSKY, 1995), sendo  $\Sigma\text{Neg}^\circ$  v-relacionado e com traços verbais fortes, a incorporação de  $I^\circ$  à  $\Sigma\text{Neg}^\circ$  é obrigatória. Como o operador de negação em **PE** é uma espécie de clítico,  $\Sigma\text{Neg}^\circ$  pode se afixar a  $I^\circ$  pela operação de abaixamento do núcleo  $\Sigma\text{Neg}^\circ$  para a esquerda de  $I^\circ$ . Este processo deve ocorrer no componente morfológico antes da inserção vocabular e da linearização (cf. EMBICK; NOYER, 2001).

Quanto aos clíticos pronominais, eles obedecem a restrições de domínio morfofonológico e podem ser alinhados de três maneiras: (i) por abaixamento, antes da inserção vocabular, (ii) por deslocamento local após a inserção vocabular, ou (iii) por inversão prosódica durante a configuração dos domínios prosódicos.

Dessa forma, defendemos a hipótese de que a **gramática do português antigo** teria um pronome clítico capaz de se hospedar no núcleo mais alto da estrutura frasal ( $C^\circ$ ), no *componente sintático* da gramática. A estrutura com interpolação, mantendo o complementizador

<sup>5</sup> Namiuti (2008) argumenta, no *capítulo terceiro*, que as operações de negação e afirmação têm comportamentos paralelos; e, a sintaxe derivaria as operações por meio de uma categoria funcional, presente na estrutura da oração, que faz interface com o conteúdo informacional, adotando a categoria designada “ $\Sigma\text{P}$ ” por Laka (1990) e Martins (1994).

e o clítico adjacentes, nas orações encaixadas (Ex: *asy como ho ele na dita procuração há* (Lx, 1306; MARTINS, 1994)), e a ênclise nas orações raízes (Ex: *E eu outrossi semelhauilmente obligome ...* (Lx: 1291; MARTINS, 1994)) estariam relacionadas com a obrigatoriedade da inversão prosódica do clítico a este núcleo *no componente morfológico da gramática*. Entretanto, a subida do clítico para **C°** nas orações dependentes e do verbo para este núcleo nas orações raízes parece não ser obrigatória, podendo o clítico e/ou o verbo manterem-se num núcleo mais baixo derivando a próclise com adjacência ao verbo (Ex: *e outrossj lhj fica hũu berdamêto* (Lx, 1311; MARTINS, 1994)), e ainda prevendo casos com interpolação e não adjacência ao complementizador<sup>6</sup> (Ex: *e que sempre a os mosteyros de Anssedj e de Arnoya usarõ e possoyrã* (NO, 1285; MARTINS, 1884)).

Já a **gramática intermediária** se caracterizaria pela perda da propriedade de subida do clítico e do verbo a **C°** (o pronome clítico não sobe além de  $\Sigma^\circ$  nesta fase), perdendo assim a possibilidade de interpolar elementos diferentes da negação. Acreditamos que o preenchimento do Spec de  $\Sigma P$  é incompatível com a ênclise sendo a próclise a ordem das orações raízes *XP-Verbo*, abrindo espaço para a possibilidade da interpolação da negação neste contexto. A ênclise só seria, portanto, licenciada em sentenças estruturalmente V1, como propõem Galves Britto e Paixão de Sousa (2005).<sup>7</sup>

Quanto à mudança para o português europeu moderno, esta teria lugar na reanálise da posição do verbo e dos constituintes pré-verbais. O verbo em PE não se moveria para além de **I°**, também o clítico estaria neste domínio junto com o verbo. Spec de  $\Sigma P$  ficaria restrito a constituintes afetivos e o sujeito pré-verbal ocuparia Spec de IP, conforme tem apontado as pesquisas atuais sobre a sintaxe do PE (cf. COSTA, 1996; GALVES, 1996, entre outros).

<sup>6</sup> Para esta estrutura ser derivada nas orações dependentes o verbo deve se manter em **I°**.

<sup>7</sup> De acordo com Namiuti (2008), nesta gramática, verbo e clítico se movem para  $\Sigma^\circ$  em todos os domínios (orações raízes e encaixadas), sendo a possibilidade do verbo também se mover para  $\Sigma^\circ$  nas orações encaixadas provavelmente relacionada com a perda de alguma propriedade de **C°** em  $\Sigma^\circ$ .

## 5 Considerações finais

Avançamos na questão gramatical trazendo fatos importantes que corroboram a hipótese de Galves (1996) de ter havido um estágio gramatical intermediário entre o PA e o PE.

De posse dos resultados obtidos na pesquisa sobre a interpolação, somados aos resultados de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), sobre a variação ênclise e próclise, e os de Paixão de Sousa (2004), sobre a variação ênclise e próclise e a posição do sujeito, sustenta-se a hipótese de uma gramática intermediária entre o português antigo e o moderno.

## REFERÊNCIAS

CARDEIRA, Esperança. **Entre o português antigo e o português**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do português**. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.

COSTA, João. Positions for subjects in European Portuguese. In: **Proceedings of WCCFL XV**. Stanford: CSLI, 1996.

EMBICK, David. E Noyer, Rolf. Movement operations after syntax. **Linguistic Inquiry**. v. 32, n. 4, p. 555-595, 2001.

GALVES, Charlotte. **Colocação de clíticos e mudança gramatical no português europeu**. Comunicação no 12º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Braga, Portugal, 1996.

GALVES, Charlotte. **Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística – Fase II**. Projeto de pesquisa FAPESP, UNICAMP, Campinas, 2004.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO de SOUSA, Maria Clara. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**. v. 4, n.1, p. 39-68, 2005.

GALVES, Charlotte, NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHÄFER-PRIEB, Bárbara (Org.). **Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch**. Turbigen: Calapinus Verlag, 2006. p. 45-75.

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. In: **Language Variation and Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 199-244.

KROCH, A. Morphosyntactic Variation. In: BEALS, K. (ed.). **Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society**, v. 2, p. 180-201, 1994.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.). **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Malden: Blackwell: 2001. p. 699-729.

LAKA, I. **Negation in syntax: On the nature of functional categories and projections**. (Ph. D. Dissertation) - MIT, Cambridge, 1990.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RIBEIRO, Ilza. **A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

*Recebido em setembro de 2009*

*Aprovado em fevereiro de 2010*

## **SOBRE A AUTORA**

**Cristiane Namiuti-Temponi** é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolveu também o seu Pós-Doutorado. Atualmente é professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Entre suas principais publicações encontram-se os artigos: “Negação sentencial na diacronia do português: variação com estabilidade”. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16.2, p. 193-240, 2008, e, “Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. v. 48, n. 2, p. 171-194, 2006.  
email: cristianenamiuti@gmail.com